
O PODER NA ALDEIA: REDES E PRÁTICAS DE JUSTIÇA DE NA EX-COLÔNIA DE SILVEIRA MARTINS (1881-1900)

POWER IN THE VILLAGE: NETWORKS AND PRACTICE OF JUSTICE AT SILVEIRA MARTINS EX-COLONY/RS/BRAZIL (1881-1900)

Maíra Ines Vendrame
Pós-doutoranda CAPES/PNPD/PPG em História/UFSC
vricamaira@yahoo.com.br

RESUMO:No presente artigo, analisam-se aspectos da realidade sócio-cultural de um dos núcleos coloniais fundados no centro do estado do Rio Grande do Sul nas últimas décadas do século XIX. Parte-se da trajetória de um padre imigrante – Antônio Sório – para perceber quais foram as estratégias acionadas que lhe garantiram inserção e mobilidade social na comunidade de adoção. Durante o período em que permaneceu entre os conterrâneos, Sório construiu patrimônio de relações imateriais que lhe permitiram alcançar status na região. No entanto, em janeiro de 1900, o pároco veio a falecer após ter sido encontrado ferido numa das estradas da comunidade de Silveira Martins, surgindo suspeitas entre a população de ter sido ele vítima de uma emboscada. As redes relacionais da família Sório atuaram no sentido de garantir o controle sobre os eventos locais, bem como preservar certa tranquilidade ao impedir que fosse aberta investigação policial para apurar os motivos do falecimento do pároco.

PALAVRAS-CHAVE: Imigração italiana. Rio Grande do Sul. Redes. Justiça.

ABSTRACT: In this article, we analyze aspects of the socio-cultural reality of the colonial settlements founded in the center of the state of Rio Grande do Sul in the last decades of the nineteenth century. It is part of the trajectory of an immigrant father – Antonio Sório – to understand which strategies were driven to it ensured inclusion and social mobility in the adoption community. During the period that remained among the countrymen, Sório built heritage of intangible relationships that allowed him to achieve status in the region. However, in January 1900, the pastor died after being found injured on a road of Silveira Martins community, emerging among the population suspected of he having been ambushed. Relational networks Sório family acted to ensure control over local events as well as preserve certain tranquility to prevent police investigation was opened to determine the reasons for the death of the priest.

KEYWORDS: Italian Immigration. Rio Grande do Sul. Network. Justice.

Introdução

Nas últimas décadas do século XIX, famílias camponesas do norte da península itálica deram início ao movimento migratório para o outro lado do Atlântico. Atraídas pelas propagandas realizadas pelos agentes de imigração em relação às vantagens de se transferir para o Brasil, formaram-se grupos de pessoas aparentadas, de uma mesma localidade ou de

povoados vizinhos que tencionavam garantir uma transferência segura para um o local de destino. A partir do final de 1877, a região central do Rio Grande do Sul passou a receber famílias de imigrantes italianos, não somente camponeses, mas também pequenos comerciantes, artesãos e padres que abandonaram à pátria, motivados pela expectativa de construir um patrimônio material do outro lado Atlântico. Muitas vezes, esse deslocamento resultava do convite e das informações passadas por parentes ou conhecidos que já se encontravam estabelecidos nos núcleos de colonização do Brasil meridional.

O deslocamento para o além-mar, no final do século XIX, surge entre as populações do norte da Itália como um caminho para buscar novas oportunidades de trabalho e maiores chances de melhorar a condição social e material, não apenas individual, mas também coletivamente, ou seja, da família extensa como um todo. Esse é o caso do padre Antônio Sório. No presente artigo, apresentar-se-á as escolhas realizadas pelo referido sacerdote desde o momento em que saiu da península itálica até sua morte, dezenove anos depois da chegada ao sul do Brasil.

Nas pequenas *comunas* italianas, muitos padres se tornaram os principais articuladores e motivadores do deslocamento para a América, atuando, em alguns casos, como agentes da emigração. Juntamente com conhecidos, alguns sacerdotes faziam parte de uma rede de incentivadores locais, uma vez que, geralmente, gozavam da confiança da população camponesa. Tais agentes mantinham comunicação, através de cartas, com representantes das empresas de navegação de Gênova, recebendo orientações sobre as datas de partida dos grupos de emigrantes dos povoados de origem e também informações sobre o local de destino (VENDRAME, 2013, p. 94-116). Apesar de Antônio Sório não fazer parte desse grupo de padres agenciadores, ele, como muitos outros sacerdotes, partiram da Itália no encalço dos paroquianos ou conhecidos, abrindo caminho para que novos deslocamentos ocorressem na sequência, especialmente de familiares e parentes. Já outros saíram fugidos da pátria por estarem sofrendo alguma perseguição, ou ainda, por temerem possíveis constrangimentos devido a maus comportamentos.¹ As motivações que levaram os padres a abandonar a terra de origem não podem ser reduzidas a apenas um ou outro fator, pois foram variadas, perpassando

¹ Emílio Franzina (1995, p. 225-228) aponta algumas trajetórias de padres fugidos ou expulsos da pátria que migraram para América do Norte. As “tentações da carne” e, conseqüentemente, as obrigações em relação a tais transgressões faziam com que alguns emigrassem para fugir dos possíveis constrangimentos.

questões econômicas, projetos individuais ou familiares e também pelo desejo de “fazer a América – sentimento presente entre muitos camponeses do período.

Mobilidade e integração

Em 1881, o jovem padre Antônio Sório – contando com 37 anos -, como outros entusiasmados com as notícias que circulavam sobre as regiões de colonização no Brasil meridional, escolheu abandonar a pátria juntamente com outro colega de batina. A decisão fora tomada devido ao convite realizado por um imigrante italiano, emissário de um grupo de famílias camponesas originárias da Província de Treviso que tinham fundado uma comunidade na Colônia Silveira Martins, localizado na região central do Rio Grande do Sul. Certamente, a notícia de disponibilidade de campo de trabalho e a possibilidade de garantir a transferência dos familiares foram fatores que contribuíram para que Sório optasse pelo caminho da emigração.

Antes da partida, como normalmente faziam as famílias *contadini*, Antônio Sório procurou obter o maior número possível de informações sobre a região para a qual se dirigiria. Talvez, já conhecedor de experiências sobre a emigração, atentou para as propagandas realizadas por agenciadores que circulavam pelas paróquias rurais do norte da Itália. A existência de conhecidos, amigos e conterrâneos de *comuna* ou de província que já haviam partido para a América, apresentou-se como um fator preponderante na hora de tomar a decisão. Procurou se cercar de segurança e conhecimento prévio dos desafios a serem enfrentados antes de assumir qualquer compromisso.

Especialmente a partir de 1878, continuaram a chegar famílias camponesas italianas à região colonial. A existência de redes e vínculos entre os indivíduos que se encontravam em ambos os lados do Atlântico orientou novos deslocamentos, propiciando a formação de uma ponte entre o local de origem e o de destino. Nos locais de destino, a base de integração era formada, muitas vezes, por agregados de famílias unidas por ligações especiais – parentesco, amizade, vizinhança –, um dos princípios básicos que fundamentava o próprio direito de constituição da comunidade. As relações de afinidade pretéritas contribuíram para ditar os contornos iniciais da nova unidade territorial. Na Colônia Silveira Martins, a fundação de alguns povoados exemplifica a relação direta existente entre o ambiente de origem e o de

adoção, uma vez que as famílias se agregaram através dos laços existentes antes mesmo da transferência. Os vínculos entre famílias camponesas se transformaram em canais de acomodação e integração nos núcleos colônias. Também eram usados como canais de comunicação e incentivo para aqueles que tencionavam se juntar aos parentes ou conhecidos que já se encontravam na América. Estudando algumas experiências migratórias para o sul do Brasil, percebeu-se a importância das redes e frentes familiares de apoio no deslocamento, acomodação e na constituição de novas comunidades no sul do Brasil (VENDRAME, 2013).²

Contudo, o movimento no espaço também acarreta implicações negativas sobre as redes dos indivíduos, causando rupturas de diversas intensidades nas tramas relacionais, comportando a dispersão geográfica dos laços, a perda de eficácia e a interrupção dos contatos. Isso tudo faz com que nos locais de chegada, os imigrantes passassem a se preocupar com a reorganização das redes sociais, incentivando a formação de novos vínculos (RAMELLA, 2011). Ressalta-se a importância de apreender as novas formas de inserção utilizadas pelos grupos e indivíduos nos núcleos coloniais. Os novos comportamentos e as estratégias de ascensão social também precisam ser avaliados para que se possa compreender como foram se constituindo as hierarquias nas comunidades italianas formadas no Brasil meridional.

Entre os tipos de mobilidades coletivas e as individuais existem variadas formas de transferências. Franco Ramella (2011, p. 83) destaca que o problema seria aquele de observar as características que assumem as redes sociais nos locais de chegada. A análise, desse modo, deveria se voltar para as implicações na formação de determinadas configurações de sociabilidades fundadas nas comunidades de destino. Os laços entre os indivíduos necessitam ser constantemente reforçados, logo, o estabelecimento de diferentes frentes de cooperação – familiares, parentais, associativas, paróquias – ajudam a criar as bases de agregação e sólidas redes de proteção e solidariedade. Levando-se em conta tais considerações, na sequência

² O encaminhamento de cartas por parte dos imigrantes aos parentes na Itália era utilizado, principalmente, como recurso confiável para transmitir informações para aqueles que desejavam partir para o sul do Brasil. Sobre a importância das cartas enquanto recurso que incentivou e organizou os deslocamentos para o Rio Grande do Sul, ver: VENDRAME, 2010:2013. Sobre o papel das redes nos processos migratórios para a América do Norte, ver: RAMELLA, 2001.

analisar-se-á algumas das escolhas de inserção social tomadas pelo padre Antônio Sório na sociedade de adoção.

O jovem sacerdote Sório era o quinto e último filho de uma família camponesa que tirava o sustento do trabalho coletivo em terras arrendadas na Província de Verona, norte da Itália. Como filho mais moço, foi encaminhado à carreira eclesiástica. Assim, em 1866, contando com vinte dois anos, recebera a ordenação sacerdotal.³ Com a morte do pai e dos dois irmãos mais velhos, Sório solicitou às autoridades diocesanas pedido de transferência para a paróquia Zévio, local esse onde residiam os familiares. Essa solicitação se deu devido aos pedidos de assistência demandados pela mãe, pois com ela residiam algumas mulheres e os sobrinhos órfãos. Durante alguns anos, sob a direção de Tereza Zenari, viúva de Francisco Sório, o grupo conseguiu sobreviver com os “suados frutos extraídos de posses arrendadas”.⁴ Assim, mediante a licença das autoridades diocesanas, por um tempo Antônio Sório manteve-se próximo da mãe.

Depois de alguns anos, em 1872, o bispo de Verona solicitou que a cúria de *Belluno* chamasse de volta o padre Sório, ressaltando que o mesmo deveria ser designado para assumir um cargo fixo em alguma paróquia, já que em Zevio os familiares – os “órfãos meninos” e a mãe – não corriam mais riscos, estando “todos salvos” da miséria. Na verdade, o bispo de Verona estava descontente em relação à conduta do jovem sacerdote:

Dom Antônio Sório, natural desta diocese [de Verona], mas empregado regularmente há anos na Diocese de *Belluno*, por motivos de interesse familiar retornou há algum tempo para cá (...), onde é voluntário (...) na populosa *comuna* de Zevio. Se ele estivesse sob a direção de um bravo e zeloso pároco, o jovem sacerdote poderia se sair bem, mas aqui em Zevio [ele está] desocupado, sempre no meio de pessoas comuns e envolvido em negócios seculares. [Dom Antônio Sório] não constrói o quinto e vai pouco a pouco gastando tudo o que possui (...).⁵

Durante três anos, padre Sório se manteve na paróquia natal prestando assistência à família, mas sua conduta “um tanto desregrada” preocupou o bispo de Verona. Atendendo ao

³ Pasta padre Antônio Sório, Arquivo da Cúria Diocesana de Belluno (ACDBL), Itália.

⁴ Pasta padre Antônio Sório, ACDBL.

⁵ Carta do bispo de Verona ao bispo de *Belluno*, 5 de junho de 1872. Pasta padre Antônio Sório, ACDBL.

pedido, a cúria de *Belluno* determinou a reintegração de Antônio Sório ao clero da diocese, designando-o, na sequência, como capelão “coadjutor” na localidade de Castion.⁶ Porém, onze meses depois, o pároco de Castion apresentou ao bispo de *Belluno* um documento onde expunha as súplicas de Antônio Sório para retornar à família, em Zevio, que se encontrava em “tristes circunstâncias”. Também afirmou que não podia ser insensível às solicitações do coadjutor (Sório) que apresentou atestado médico de doença da mãe.⁷ A gravidade do estado de saúde da mãe foi o argumento utilizado por Antônio Sório para retornar à paróquia natal.

Posteriormente, em carta de abril de 1877, Antônio Sório anunciou que sua mãe havia falecido. Ao bispo de Verona, comunicou que estava “liberado de todas as responsabilidades domésticas” por ter ficado “sozinho no mundo, para sua desgraça”, solicitando, então, permissão para se integrar à Sociedade dos Missionários que trabalhavam no Egito.⁸ Porém, não foram encontrados documentos que confirmem a ida de Antônio Sório ao Egito. Acredita-se que Sório voltou a trabalhar em alguma paróquia da diocese de *Belluno*, pois, em agosto de 1881, recebeu do bispo permissão para se transferir para o outro lado do Atlântico.⁹ Antes de partir, certamente se comprometeu com os sobrinhos de verificar a existência de campo de trabalho e oportunidades no local de destino. O caminho da imigração podia ser iniciado por um único sujeito, que partia antes dos outros a fim de analisar as oportunidades. Isso foi o que ocorreu com a família Sório: primeiramente, partiu o jovem padre, sendo seguido, posteriormente, pelos quatro sobrinhos. Assim, quando se analisa a imigração para o Brasil, deve-se levar em conta que, inicialmente, emigraram aqueles que podiam, principalmente por terem recebido algum convite de conhecidos distantes. Mas a transferência estava ligada a um projeto coletivo, sendo também uma forma de investimento familiar. O estudo das experiências particulares ajuda a compreender como a atitude de um indivíduo (de emigrar) não estava desvinculada de um complexo jogo de escolhas e acordos internos entre os membros de um grupo (VENDRAME, 2013).

⁶ Ofício do bispo de *Belluno* autorizando Sório a ser coadjutor na paróquia de Castion, 27 de junho de 1872. Pasta padre Antônio Sório, ACDBL.

⁷ Carta do pároco de Castion ao bispo de *Belluno*, 13 de maio de 1873. Pasta padre Antônio Sório, ACDBL.

⁸ Carta de Antônio Sório à cúria de Verona, 25 de abril de 1877. Pasta padre Antônio Sório, ACDBL.

⁹ Decreto definitivo de afastamento da diocese de *Belluno*, 26 de agosto de 1881. Pasta padre Antônio Sório, ACDBL.

A partir de agora, apresentar-se-á o desempenho do padre Sório na região colonial, desde sua instalação entre os conterrâneos, em 1881, até sua morte nos primeiros dias de janeiro de 1900. Inicialmente, instalou-se na comunidade do Vale Vêneto, uma vez que havia sido um grupo de famílias desse núcleo que investiu financeiramente na transferência do sacerdote para o Brasil. Em 1884, foi para a sede da ex-Colônia, Silveira Martins, a fim de administrar a recém-instituída paróquia, investindo, a partir desse momento, em estratégias que lhe garantissem o controle sobre a vida social e cultural no território que estava sob o seu governo religioso. A trajetória de apenas um indivíduo permite alcançar o mundo em que aturaram os imigrantes, apontando para as dificuldades enfrentadas, as estratégias bem sucedidas e as fracassadas. Também possibilita analisar a complexidade das tramas existentes num pequeno universo, buscando entender os valores e as regras que orientavam as ações.

Seguir o desempenho dos sujeitos na esfera local ajuda a perceber o modo como se constituem os vínculos de interdependência que conectavam uns aos outros, os mecanismos de inserção social e as formas de integração que ligavam a família à comunidade e, conseqüentemente, às instâncias externas, bem como os recursos que cada um podia acionar no cotidiano (GRENDI, 1978; LEVI, 2000). Através da documentação batismal foi possível apreender as redes e vínculos parentais estabelecidos pelo padre, bem como pelos outros membros da família Sório.¹⁰ Nesse sentido, a reconstrução das tramas que ligavam indivíduos e grupos tem se mostrado instrumento valiosíssimo para se analisar a ação social e as relações interpessoais nas quais as pessoas se encontravam imersas. O comparecimento de Antônio Sório como padrinho foi constante durante o período em que se manteve na condição de pároco em Silveira Martins (1884-1900), conforme se pode verificar na relação de apadrinhamentos apresentadas na sequência. Foram trinta e sete batizados como padrinho direto, variando a madrinha e notando-se a presença da sobrinha – Mariana Sório - em oito oportunidades.¹¹

¹⁰ Para a análise do compadrio, criou-se um banco de dados a partir das informações extraídas dos livros de batismo da paróquia de Silveira Martins e do Vale Vêneto, entre os anos de 1884 e 1905. Arquivo diocesano de Santa Maria (ADSM).

¹¹ Não se sabe exatamente o ano em que os quadro sobrinhos do padre Sório chegaram à ex-Colônia Silveira Martins, tendo sido, certamente, a viagem de transferência dos mesmos organizada e patrocinada pelo tio que já se encontrava no núcleo colonial. Possivelmente chegaram entre 1884 e 1886.

Tabela 1 - Número de apadrinhamentos do padre Sório e dos quatro sobrinhos

<i>Ano</i>	<i>Antônio Sório</i>	<i>Mariana Sório</i>	<i>Alexandre Sório</i>	<i>Luiz Bianchi</i>	<i>Luiz Sório</i>	<i>Total Ano</i>
1885	3	-	-	-	-	3
1886	4	-	-	-	-	4
1887	1	-	-	-	-	1
1888	5	-	-	-	-	5
1889	6	-	-	-	-	6
1890	1	-	-	-	-	1
1891	2	-	1	-	-	3
1892	2	3	-	-	-	5
1893	3	4	2	2	-	11
1894	1	-	1	-	-	2
1895	-	-	-	1	-	1
1896	3	2	2	1	-	8
1897	4	6	3	1	-	14
1898	1	4	4	2	1	12
1899	1	4	3	1	-	9
1900	-	1	1	1	-	3
1901	-	-	-	-	1	1
1902	-	-	-	-	-	-
1903	-	-	1	-	-	1
1904	-	-	1	-	4	5
1905	-	-	2	-	-	2
Total	37	24	21	9	6	97

Fonte: Livro de batismos da paróquia de Silveira Martins, nº 1-5, 1885-1905, ADSM.

No presente quadro é possível verificar o período em que Antônio Sório e os sobrinhos mais apadrinharam. Mapeando a participação do pároco enquanto padrinho, viu-se como ele foi formando redes de apoio, estabelecendo relações de solidariedades e alianças entre os imigrantes. Enquanto estratégia de acomodação, Dom Sório foi construindo as redes de interdependência e ajuda com as famílias que residiam no espaço urbano e rural da paróquia de Silveira Martins. De acordo com o quadro, percebe-se que a participação significativa ocorreu durante a década de noventa, sendo interrompida com a morte do pároco em 1900.

Ao aumentar o número de afilhados, padre foi reforçando os vínculos e estendendo os laços de afinidade com outras famílias. A expansão das redes relacionais através do apadrinhamento parece ter se mostrado um tipo de atitude presente durante todo o período em que Sório conduziu a paróquia de Silveira Martins. O grupo de afilhados e compadres do pároco compunha uma ampla teia de ligações interpessoais que, apesar de possuir conexões

de intensidades variadas, podiam ser ativadas em momentos específicos da vida cotidiana como recursos para garantir preeminência local. De certo modo, o estabelecimento de laços de afinidades entre os conterrâneos contribuiu para que Sório conduzisse uma política centralista na paróquia.

Os laços de parentesco fictício propiciaram a formação de uma complexa rede de alianças entre os padrinhos que podiam assumir funções sociais, como a de garantir vantagens ou privilégios no campo econômico. Antônio Sório conseguiu obter recursos financeiros entre os imigrantes, aparecendo também no mercado da terra como procurador, além de comprador e vendedor.¹² Tudo isso graças ao prestígio que havia conquistado e redes de afinidades nas quais se encontrava envolto. Em algumas sociedades, as relações entre os compadres eram tidas como as mais interessantes e eficientes em termos de comprometimento efetivo (ALFANI, 2007). Nesse sentido, pode-se sugerir que a conquista e manutenção do prestígio social e político do padre na paróquia estava estritamente ligada a pia batismal.¹³ A formação de redes de interdependências, afinidades e a manutenção de cultura corporativa permitiram uma melhor acomodação das famílias nos núcleos coloniais.

O capital social construído pelo pároco Antônio Sório permitiu que ele atuasse como procurador no mercado da terra entre os conterrâneos e também que pudesse dispor de uma rede de crédito na região colonial. Das vezes em que o padre aparece como intermediário na venda de lotes de terra, em três delas representava imigrantes que não mais residiam na paróquia de Silveira Martins, inclusive, numa dessas ocasiões, mediava uma negociação em que um dos sobrinhos aparece como comprador.¹⁴ A posição de mediador dos negócios era baseada no conhecimento sobre as demandas dos imigrantes e na confiança nele depositada. Os laços de parentesco fictício propiciaram a formação de uma complexa rede de alianças entre os padrinhos que podiam assumir funções sociais e econômicas variadas.

¹² Transmissões/notas, Santa Maria (4º distrito), Livro 1 (25-01-1895 a 22-10-1898), p. 127, 157, 158; livro 2 (04-11-1898 a 27-09-1900), Livro 4 (1904-1907); Transmissões/notas, Cachoeira do Sul, (5º Distrito), livro 8 (1897- 1898), p. 31, 33; Livro 10, 11 (1898- 1899), Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS).

¹³ A reconstrução das redes de interdependências entre os imigrantes e Sório se deu por meio do levantamento e cruzamento dos dados encontrados em fontes cartoriais e paroquiais (VENDRAME, 2013).

¹⁴ Transmissões/notas, Cachoeira do Sul – 5º distrito, livro 8 (1897- 1898), p. 31, 33; Transmissões/notas, Santa Maria, 4º distrito - livro 1 (25-01-1895 a 22-10-1898), p. 127, APERS.

A quantificação dos negócios envolvendo a terra é uma tarefa difícil, visto que nem todos os contratos, auxílios financeiros e participação conjunta na compra e venda eram registrados em cartório. Muitas transações resultavam de acordos privados realizados entre os envolvidos.¹⁵ Apesar de não se ter encontrado um grande número de negociações que comprovem maior participação de Sório como procurador, não quer dizer que esse papel de mediação não tenha sido realizado por ele com frequência. Os registros localizados são suficientes para perceber o tipo de atividades que viabilizaram a construção do patrimônio material da família. Também possibilita compreender como funcionava o mercado da terra, uma vez que as redes relacionais orientavam a realização de negócios e a própria obtenção de vantagens no campo econômico. Ao assumir a função de procurador de algumas famílias no mercado da terra, o padre Sório buscava facilitar a obtenção de privilégios para conhecidos e parentes consanguíneos num mercado que não era regido somente pelo valor da terra, mas, igualmente, pelos vínculos existentes entre os indivíduos.

No mercado da terra, Antônio Sório aparece frequentemente como testemunha nas transações realizadas pelos sobrinhos. Tais informações indicam que o comércio de compra e venda era um dos ramos de investimento da família. Nesse caso, é exemplar a negociação feita em 1898 envolvendo Luiz Bianchi – sobrinho do padre – e José Alberti. Em 3 de fevereiro de 1898, ambos adquiriram um lote de terra rural e um urbano a 700 mil réis. A 15 de julho do mesmo ano, venderam os mesmos lotes por 6 contos e 500 mil reis, demonstrando que o empreendimento, aparentemente, foi muito lucrativo.¹⁶ Como testemunha das negociações estava o tio Antônio Sório. O que pode explicar o aumento significativo do preço das terras vendidas? É provável que a existência de vantagens referentes à localização e às exigências específicas da família compradora tenham sido fatores que influenciaram no custo das propriedades.

O pároco e os sobrinhos residiam em locais diferentes da paróquia Silveira Martins e se dedicavam a atividades profissionais variadas – comércio, produção agrícola e a educação

¹⁵ No inventário do padre Antônio Sório constatou-se a realização de dois empréstimos por parte do mesmo em que não foi registrado em cartório, sendo apenas conferido ao credor um documento assinado pelo pároco. Inventário, Provedoria de Santa Maria, nº 116, maço 3, ano 1900, APERS.

¹⁶ Transmissões/notas, Santa Maria (4º distrito), livro 1(25-01-1895 a 22-10-1898). Ver amostragem das transações de compra e venda de terra da família Sório (VENDRAME, 2013, p. 209-210).

dos filhos dos imigrantes. A preocupação com o coletivo, com a família não co-residente, pode ser constatada a partir das ações do padre Antônio Sório não somente na hora do apadrinhamento, mas, igualmente, no comércio de terras. Os negócios envolvendo o mercado da terra demonstram atuação coletiva e solidária entre o tio e os sobrinhos, bem como outros parentes da família Sório. Todos estavam envolvidos na construção do patrimônio material, destacando-se, principalmente, o padre na questão da constituição do patrimônio imaterial do grupo.

Foram os laços parentais e as redes de apoio construídas por Antônio Sório que possibilitaram que ele tivesse acesso a recursos financeiros entre os imigrantes da ex-Colônia Silveira Martins. Quando da sua morte, constatou-se, através da análise do inventário, a existência de tramas de crédito que garantiram o fornecimento de altos valores para o sacerdote Sório.¹⁷ Assim, a partir do cruzamento de fontes documentais de natureza diversa – cartoriais e batismais – foi possível seguir as escolhas realizadas pelo padre, procurando entender quais mecanismos propiciaram a inserção nas redes locais, a consolidação de certo prestígio na região colonial, a participação no mercado de compra e venda de terras e a obtenção de empréstimos financeiros. Constatou-se, portanto, que a política de compadrio surge como importante estratégia de inclusão nas tramas de solidariedade e reciprocidades familiares, possibilitando a própria mobilidade social da família Sório. Porém, outras frentes de apoio local foram fundadas pelo padre na paróquia. Os laços entre os indivíduos que já mantinham certa afinidade eram reforçados por novas alianças e vínculos de interdependência e proteção, que podiam ser acionados caso surgissem imprevistos indesejáveis e prejudiciais a harmonia e tranquilidade familiar e comunitária.

Entre os conterrâneos, Antônio Sório também assumiu a função de agente consular, fazendo, desse modo, a ligação entre os imigrantes e o consulado na capital do estado, Porto Alegre. Além de ser representante do “régio cônsul da Itália”, poucos anos após a chegada na região colonial, o padre, juntamente com conhecidos originários da Província de Verona, fundou uma Sociedade de Mútuo Socorro dos Operários de Silveira Martins, posteriormente

¹⁷ Inventário, Provedoria de Santa Maria, nº 116, maço 3, ano 1900, APERS.

chamada “Umberto I” (CERETTA, 1894, p. 53). Em agosto de 1885, foi aprovado o primeiro estatuto da sociedade que contava com mais de cinquenta chefes de famílias, tornando-se Sório presidente e “caixeiro” da associação.¹⁸ Essa era constituída por comerciantes, artesãos e profissionais ligados às atividades urbanas cujo objetivo era garantir assistência aos sócios.

Nos núcleos coloniais, a construção de igrejas, a realização de celebrações e o cumprimento dos sacramentos garantiam a formação de bases agregativas familiares e comunitárias. Essas, por sua vez, podiam favorecer a criação de associações laicas enquanto espaços complementares do reforço dos vínculos interpessoais. A inserção em corporações locais era uma maneira de criar solidariedades, definir identidades e eliminar diferenças, fornecendo ao mesmo tempo segurança e assistência caso algum sócio viesse a se deparar com enfermidades e imprevistos econômicos que prejudicassem a sobrevivência da família. A sociedade de mútuo socorro de Silveira Martins possuía um conselho administrativo composto por “chefes-sessão” que deviam vigiar a conduta dos sócios, cuidar do cumprimento dos deveres, harmonizar discórdias e verificar as necessidades dos doentes. Tudo isso devia ser comunicado ao presidente da associação.¹⁹ A presença destes poderes sinaliza para a existência de formas de controle comunitário sobre os comportamentos desviantes e reprovados, bem como criava redes de apoio para restauração da ordem social quando do surgimento de conflitos.

Entre o elenco de sócios da referida sociedade, percebe-se a existência de uma expressiva base parental que pode ser verificada pelos sobrenomes dos membros, bem como através de vínculos não perceptíveis, no caso o parentesco obtido através do ritual do batismo.²⁰ Os laços criados na pia batismal permitiam a aproximação entre os indivíduos ou, muitas vezes, reforçava os vínculos de amizade já existentes. Constatou-se que Antônio Sório foi padrinho de vários dos filhos dos imigrantes que eram membros da sociedade de mútuo socorro de Silveira Martins. A existência de algum vínculo pretérito fomentava o surgimento de novos laços de solidariedade e obrigações.

¹⁸ *Statuto Dell'associaziane di Mutuo Soccorso fra gli operai italiani di Silveira Martins*, 1897 – 1899. Caixa Silveira Martins, Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma (CPG-NP).

¹⁹ *Statuto Dell'associaziane di Mutuo Soccorso fra gli operai italiani di Silveira Martins*, 1897, p. 9. Caixa Silveira Martins, CPG-NP.

²⁰ Relação dos sócios da Sociedade de Mútuo Socorro de Silveira Martins, 1896. Caixa Silveira Martins, CPG-NP.

Nas comunidades formadas por imigrantes no sul do Brasil, percebeu-se que tanto a capela quanto as associações laicas podiam surgir e ser administradas por um tipo de configuração parental, caracterizando, dessa maneira, um modelo de poder político eficaz localmente. A presença do pároco Sório frente à sociedade dos “operários italianos de Silveira Martins” demonstra a ligação entre as esferas sagrada, assistencial, política e parental, estruturando-se a partir de uma área de pertencimento comum. Portanto, como se pode perceber, na paróquia, as atividades de Antônio Sório não se restringiram apenas aos assuntos religiosos ou a administração dos bens da igreja.²¹

Ares de vingança: punição e proteção local

O relativo sucesso das escolhas de Antônio Sório pode ser conferido, em parte, na quantidade de lotes de terra e casas distribuídos aos sobrinhos no testamento do padre. A carta testamental foi elaborada nos primeiros dias de janeiro de 1900, enquanto o padre Sório agonizava no “porão da casa paroquial”, impossibilitado de realizar qualquer movimento, porém, em “perfeito juízo”.²² Neste momento, o padre comunicou a distribuição dos bens perante um grupo de seis imigrantes que testemunharam a constituição do testamento. Apesar da incapacidade de assinar o documento, devido à gravidade do estado em que se encontrava, de acordo com as testemunhas, o pároco ditou ao conterrâneo Carlos Passini seus últimos desejos. Assim, repartiu o patrimônio que era composto, principalmente, de propriedades urbanas e rurais localizadas na ex-Colônia Silveira Martins, dividindo-os entre os quatro sobrinhos herdeiros.

Em testamento, padre Sório deixava para o sobrinho Luiz Bianchi “três lotes com casa e sobrado em que residia”, na sede Silveira Martins; outro “lote e casa recém-edificada, onde é aula pública”, passava a sobrinha Mariana Sório; e, finalmente, “um lote rural e casa na Linha Duas Norte aos sobrinhos Luiz e Alexandre Sório”. Na sequência, apontou que os herdeiros deveriam “pagar todas as dívidas ativas” para que ninguém viesse a sofrer algum

²¹ Enquanto mediador no campo político e cultural, o pároco Antônio Sório propiciou a ligação entre a família, a comunidade e o mundo exterior, encaminhando as demandas locais e cuidando para que algumas leis fossem seguidas pela população. Sobre o referido desempenho do padre, ver: VENDRAME, 2013.

²² Processo de reconhecimento do testamento, 16 de novembro de 1901. Provedoria de Santa Maria, nº 116, maço 3, ano 1900, APERS.

prejuízo. Quanto aos móveis e utensílios domésticos, deveriam ser arrematados pelos beneficiários, sendo o dinheiro destinado para pagar os credores. Por fim, determinou que dois sobrinhos – Luiz Bianchi e Alexandre Sório – fossem os testamenteiros e os executores das referidas resoluções.²³ Ao se analisar o patrimônio presente no inventário, percebe-se a presença de redes de crédito que viabilizaram os investimentos econômicos do padre na região colonial. Sório construiu seu patrimônio material favorecido pelas bases de agregações religiosas, associativas e parentais, além, é claro, das tramas de interdependência das quais fazia parte na paróquia de Silveira Martins.

Apesar de estar inserido nas redes de solidariedade e proteção local, no dia 29 de dezembro de 1899, o padre foi achado numa das estradas da região “caído do cavalo [e] gravemente *pisado no baixo ventre*” (SCHWINN, caderno a, p. 14). Encontrado ferido por alguns agricultores, o pároco foi transportado até a casa paroquial. Logo, recebeu atendimento médico de Victor Teltz, “especialista em doenças sífilíticas e das vias urinárias”, que clinicava em Santa Maria.²⁴ Porém, devido à gravidade dos ferimentos, o mesmo veio a falecer na madrugada de 3 de janeiro de 1900. Sobre o motivo da morte, no registro cartorial, aparece: “queda do cavalo”.²⁵ Essa é a explicação oficial apresentada pelas testemunhas que escutaram Sório nos seus últimos minutos de vida, sendo, inclusive, a versão apresentada perante o juiz distrital quando da realização do processo de validação do testamento: o padre achava-se “gravemente enfermo em consequência de uma queda que dera do cavalo que montava”.²⁶

A notícia de que Sório havia sofrido graves lesões no “baixo ventre” levaram a população a suspeitar na ocorrência de uma emboscada. A versão de que o pároco teria falecido devido aos ferimentos causados por uma “queda do cavalo” não se apresentou como válida para parte dos imigrantes da região colonial. Outra explicação passou a ser atribuída pelos paroquianos para justificar a morte inesperada do sacerdote. Segundo o imigrante Andrea Pozzobon, surgiram fortes suspeitas entre a população local de que Antônio Sório

²³ Testamento de Antônio Sório, Provedoria de Santa Maria, nº 116, maço 3, ano 1900, APERS.

²⁴ Jornal *O Combatente*, janeiro de 1900, Santa Maria. ACMEC.

²⁵ Cartório Civil de Silveira Martins, Registro de Óbitos, 3 de janeiro de 1900, folha 140 (verso), n. 1202.

²⁶ Processo de validação do testamento. Testamento de Antônio Sório, Provedoria de Santa Maria, nº 116, maço 3, ano 1900. APERS.

sofrera “uma armadilha”. Todavia, a referida versão nunca foi esclarecida, tendo o pároco falecido em “heróica resignação” sem revelar os motivos e os nomes dos autores da “emboscada” (POZZOBON, 1997, p. 178). As controvérsias sobre os motivos do falecimento do padre ficaram circunscritas às suspeitas e comentários surgidos entre a população colonial. No momento do ocorrido, não foi aberta investigação policial para averiguar as suspeitas de “crime”, apresentando os registros oficiais como causa do óbito ferimentos decorrentes de uma “queda do cavalo”.

Contudo, procurando outros indícios sobre a possibilidade de ter sido Antônio Sório vítima de uma “emboscada”, constatou-se que alguns meses antes da morte, em carta de 20 de agosto de 1899, o padre desabafou com um amigo de batina. Dando indicações de estar vivendo um drama, primeiramente afirmou concordar com a máxima conhecida por eles: “estou realmente sentido como é quando os *sacos tocam os calcanhares*”. Através dessa metáfora, Sório deixa entender que não se encontrava numa situação boa, questionando “se depois do mau tempo viria o sol”. Por fim, demonstra receio: “caro amigo, andamos mal com este tempo ruim e com certos *ares que inspiram vingança*”.²⁷ Apesar das ideias vagas, a presente carta revela os temores de alguém que passava por uma situação difícil, temendo a ocorrência de alguma represália.

Provavelmente, a atmosfera de vingança ligava-se a fatos específicos que o sacerdote estava envolvido. O termo utilizado na carta – *vendetta* em italiano – era entendido como sinônimo de punição, afronta, reparação e reivindicação. De acordo com as declarações de Sório, os ventos não lhe eram favoráveis, manifestando ter consciência da gravidade das atitudes cometidas e das consequências desfavoráveis que podiam gerar uma vingança. Assim, conforme foi apresentado, estamos diante de duas explicações para a morte de Antônio Sório: queda do cavalo e emboscada.

Na obra *O crime do padre Sório* (2001), Luiz Eugênio Vésicio analisou as versões surgidas sobre a morte do sacerdote, centrando a investigação no embate entre Igreja Católica e Maçonaria. Porém, ao realizar entrevistas entre os descendentes de imigrantes, o autor

²⁷ Carta de Antônio Sório, 20 de agosto de 1899. Caixa família Sório. Centro de Pesquisas Genealógicas, Nova Palma. Não se identificou a quem era destinada a carta do padre Sório, uma vez que falta uma parte do documento. A carta parece ter sido encaminhada a algum “companheiro” italiano do pároco, conforme referências do mesmo. Em um dos cantos da folha consta o carimbo da Agência Consular de Silveira Martins.

constatou que uma das versões atribuía à morte do padre como consequência de uma vingança perpetrada por homens ofendidos com o seu comportamento imoral. O referido autor apontou ideia do castramento, explicação conferida pelos descendentes de imigrantes italianos, como consequência de uma vingança ligado a um tipo específico de ofensa: a desonra sexual.

Os ferimentos que vitimaram o padre Sório foram interpretados como consequência de uma agressão planejada para vingar insultos à honra familiar. Independente de ser verdade ou não, a explicação indica para um universo social e cultural onde a vingança e a punição de sangue eram mecanismos reconhecidos para reparar ofensas. Desse modo, os esclarecimentos conferidos acima surgem como uma possibilidade para se inferir sobre as formas de controle social, práticas de justiça comunitária e modos de agir dos imigrantes nos núcleos coloniais quando se deparavam com impasses e disputas entre as famílias do lugar.

Na sociedade estudada não era incomum o uso da violência como recurso para reparar ofensas à honra individual ou familiar. Palavras, gestos e atitudes afrontosas podiam se tornar motivo de conflito, sendo aplicados castigos corporais específicos, muitas vezes, no anonimato da estrada, conforme teria acontecido com o padre Antônio Sório e a muitos outros imigrantes.²⁸ As estradas eram locais privilegiados para atacar aqueles que haviam ofendido a honra individual ou familiar. Nesse sentido, a vingança surge como uma prática de contra-ofensa, reparação e também como um modo de encaminhar a resolução das disputas. Geralmente, a harmonia local somente seria restabelecida após a represália. A restauração de uma determinada ordem e equilíbrio entre as famílias vizinhas dependia, portanto, da revanche contra os sujeitos que haviam causado algum prejuízo material ou apenas imaterial. Quando da morte de Antônio Sório, acredita-se que o grupo que se reuniu para assistir a elaboração do testamento do pároco, acordou privadamente sobre o que deveria ser apresentado externamente como motivo do falecimento do padre. Desse modo, procuraram evitar a abertura de uma investigação policial.

Frente a eventos que ameaçavam a paz e a segurança, rapidamente na comunidade formava-se um “tribunal de grupo”²⁹ para avaliar os caminhos a serem tomados naquele momento. Essa prática de julgamento, resolução, conciliação e estratégia de mediação privada

²⁸ Exemplos de vinganças e punições ocorridas nos núcleos coloniais do sul do Brasil podem ser conferidos na tese de doutorado “Ares de Vingança” (VENDRAME, 2013).

²⁹ Definição utilizada por Giovanni Levi (2000, p. 125-126) na obra *Herança Imaterial*.

sugerem a existência de um tipo de “justiça negociada” que arbitrava os conflitos, podendo decidir pelo acionamento, ou não, do recurso judiciário. Entre os parentes, amigos e conhecidos que assistiram o padre Sório momentos antes da morte, constavam pessoas de prestígio na região colonial, e dentre eles formou-se um conselho local que preferiu divulgar ter o pároco falecido vítima de uma fatalidade, e não de uma possível represália de sangue. Ao proceder dessa forma, optaram por encerrar o ciclo de vinganças, evitando o surgimento de novos embates entre famílias do lugar. O pacto de silêncio firmado buscava preservar a imagem do pároco morto, bem como proteger os agressores e a comunidade de Silveira Martins da possível exposição e consequências desastrosas à manutenção da paz local.

A possibilidade de ter existido uma vingança por questões de honra familiar, encoberta por pessoas da comunidade, encontra respaldo numa cultura da violência muito presente nos núcleos coloniais do sul do Brasil. Era uma forma de exercer controle sobre ofensas que prejudicariam o prestígio individual ou familiar (VENDRAME, 2013). Muitas vezes, os imigrantes preferiam confiar em dispositivos próprios do grupo, expressos através de punições e contra-ofensas diretas, ao invés de recorrer a instâncias externas de poder.³⁰ Assim, entende-se que as versões surgidas entre a população após a morte do padre sugerem a presença de traços de uma “justiça negociada”. Em defesa do bem comum, de um ideal de harmonia, tal prática permitia certo controle sobre a ordem no povoado, evitando o surgimento de novas situações que trouxessem insegurança para as famílias imigrantes. Esse tipo de concepção de justiça se funda sobre a ideia de pertencimento, de reparação imediata das ofensas, num espaço regulado por normas e modos de proceder partilhados (SBRICCOLI, 2001). Logo, se distingue por seu caráter estritamente comunitário onde ocorre a atuação de frentes familiares de controle e/ou proteção dos membros. As práticas de justiças se materializam através de acordos, pactos, renúncias, perdões e, também, vinganças.

O receio da *vendetta* temido pelo padre Sório, bem como as explicações surgidas após a morte, se fundamentam num universo social e cultural coerente aos imigrantes, onde os ajustamentos se davam através de práticas de justiça autônomas e acordos privados. Desse modo, visavam reparar as ofensas e restabelecer o equilíbrio entre os indivíduos e grupos nas

³⁰ Outros eventos que exemplificam esse tipo de comportamento e percepção dos imigrantes italianos podem ser analisados em artigo já publicado: (VENDRAME, 2010).

comunidades rurais. Acredita-se que a existência de redes de cumplicidade e proteção que coligavam as famílias e lideranças locais impediu o acionamento das autoridades policiais e judiciárias, pois, como dito anteriormente, não houve denúncia à justiça sobre as suspeitas existentes em relação aos motivos que ocasionaram a morte de Antônio Sório.

Apenas em 1949, a uma distância segura de tempo, o padre Pedro Luiz – afilhado de Alexandre Sório – apontou os nomes dos quatro responsáveis pelo atentado realizado contra o pároco: eram eles os italianos Felipe Durgante, Celeste Soliani e Rodolfo Faccin.³¹ Apesar dos três terem sido descritos como maçons, constatou-se que apenas os dois últimos aparecem registrados na Loja Maçônica União e Trabalho de Silveira Martins. Posteriormente, outros maçons foram mencionados – por meio de entrevistas – como sujeitos que haviam participado indiretamente da emboscada: o imigrante Luiz Socal, o subdelegado José Claro de Oliveira e o juiz distrital Joaquim Augusto de Pinho.³²

É interessante constatar que tanto o italiano Durgante quanto alguns membros da família Socal aparecem compondo as redes de compadrio do padre Antônio Sório e de seus sobrinhos.³³ Além desse indício da aproximação entre os acusados e o pároco, constatou-se ainda que Felipe Durgante, Celeste Soliani e Augusto Socal – irmão de Luiz, um dos suspeitos – também faziam parte da Sociedade de Mútuo Socorro Umberto I, associação fundada e presidida, em vários anos, por Antônio Sório.³⁴ Deste modo, conclui-se que a vingança orquestrada contra o sacerdote, provavelmente, partiu de pessoas bastante próximas, senão de indivíduos que participavam das mesmas redes de solidariedade de Sório, o que, por sua vez, reforçou a necessidade de proteção aos envolvidos quando do falecimento do pároco.

Quando Antônio Sório foi encontrado ferido numa das estradas de Silveira Martins, em dezembro de 1899, era um momento de agitações políticas e protestos locais. Grande número de imigrantes, liderados pelo padre, protestaram, manifestando-se publicamente em abaixo-assinado, publicado no jornal *O Combatente*, contra “os abusos” perpetrados pelo

³¹ Revista Rainha dos Apóstolos, Santa Maria, 1º de janeiro de 1949, nº 27, p. 165. Arquivo Histórico Provincial Nossa Senhora Conquistadora - AHPNSC, Santa Maria.

³² Informações colhidas de Antônio Bellochio (31.07.1970), J. Della Mea e Nona Barato-Torri (15.01.1982). Caixa família Sório, CPG-NP.

³³ Livro de batismo da paróquia de Silveira Martins, nº 1, 1884-1888, p. 9; Livro nº 2, 1888-1890, p. 12; Livro nº 3, 1890-1893, p. 15, 97 ADSM.

³⁴ Relação dos sócios da Sociedade de Mútuo Socorro de Silveira Martins, ver; (VENDRAME, 2013, p. 263).

subdelegado José Claro de Oliveira. O documento não especifica que “abusos” seriam esses, porém, inserido no contexto de busca pela emancipação, acredita-se que o subintendente fazia algum tipo de retaliação às pretensões dos italianos. O importante, aqui, é demonstrar que um grupo de imigrantes, incluindo o padre Sório, estavam descontentes com o comportamento das autoridades residentes em Silveira Martins.³⁵

A insatisfação entre a população crescia devido a não obtenção da emancipação política. Contra as pretensões emancipacionistas estavam a Intendência Municipal de Santa Maria, o subdelegado José Claro de Oliveira e o juiz distrital Joaquim Augusto de Pinho. E, ao lado destas autoridades, certos imigrantes italianos que se beneficiavam da proximidade com o poder. O padre Sório e os principais comerciantes silveirenses atuaram para que a localidade alcançasse sua independência política. Portanto, o contexto local quando da morte do pároco era marcado por instabilidades e propício para o surgimento de confrontos e violências, tendo em vista a realização das eleições para deputado e senador, em 31 de dezembro de 1899 (VENDRAME, 2013, p. 432-433).

Além dos embaraços políticos vivenciados em Silveira Martins, outras variáveis surgem quando se busca informações sobre os acusados de terem arquitetado emboscada contra Antônio Sório. Verificou-se que alguns deles possuíam lotes coloniais próximos ao do pároco, fazendo, desse modo, parte de uma mesma vizinhança. Além disso, o lugar onde o sacerdote foi encontrado ferido é próximo às terras de alguns acusados. Essa questão pode ser um indício da existência de dificuldades de convivência entre vizinhos, decorrentes de transações de terras, limites territoriais, ou ainda, assuntos de ordem moral relacionados a impasses privados entre as famílias conhecidas. Assim, se a proximidade geográfica podia indicar o estabelecimento de solidariedades entre as casas vizinhas e a formação de frentes de apoio, ao mesmo tempo, ela não excluía o surgimento de tensões e rivalidades.

Quando se analisa os acontecimentos locais anteriores a morte do padre Sório, percebe-se que motivos variados podem ter levado um grupo de imigrantes a armar emboscada para punir de forma violenta o ofensor. Principalmente porque, desde que partira da Itália, Sório tinha por hábito estar “sempre no meio de pessoas comuns, envolvido em

³⁵ “Aos pedidos”, *Jornal O Combatente*, 5 de fevereiro de 1899. ACMEC.

negócios seculares”. Também possuía fama de ter uma “conduta desregrada”.³⁶ Ao continuar se comportando de tal forma, pode ter ultrapassado os limites do tolerável, cometendo alguma grave ofensa – e o caminho da reparação passava pela contra-ofensa através da violência física. Na margem da página do assentamento de óbito do padre Sório, encontrado no Cartório de Silveira Martins, consta que o mesmo “morreu de violação da bexiga”, mas este ferimento se deu em “consequência da queda que tivera do cavalo que montava”.³⁷ Como já se apresentou no presente artigo, dentre as explicações fornecidas pela população colonial sobre a morte, existe a versão que sugere um atentado violento. A “violação da bexiga” teria acontecido por ter Sório levado “batidas no baixo ventre” que provocaram hemorragia interna, ocasionando, dentro de poucos dias, o falecimento da vítima?

Se assim aconteceu, acredita-se que os imigrantes prefeririam guardar silêncio, pois os equilíbrios sociais aparentemente mais sólidos podiam ser rompidos quando do surgimento de disputas e violências. O que não quer dizer que a solidariedade de grupo seria desfeita, antes o contrário: ela “se tornava ainda mais clara ao esconder os conflitos quando não era capaz de evitá-los”, conforme afirma Giovanni Levi (2000, p. 240). Quando da morte, Antônio Sório se encontrava imerso numa ativa trama de reciprocidades, proteções e também cumplicidade. Foram os vínculos, afinidades e alianças que aproximavam Sório aos imigrantes que garantiram o silêncio necessário para proteger as famílias envolvidas. As frentes familiares de punição e proteção local são características culturais dos camponeses italianos no sul do Brasil, demonstrando, portanto, aquilo que chamei de “poder na aldeia”, título do presente artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFANI, Guido. *Padri, padrini, patroni: la parentela spirituale nella storia*. Venezia, Editore Marsilio, 2007.

FRANZINA, Emílio. *Gli italiani al nuovo mondo: l'emigrazione italiana in America 1492-1942*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1995.

³⁶ Carta do bispo de Verona ao bispo de *Belluno*, 5 de junho de 1872. Pasta padre Antônio Sório, ACDBL.

³⁷ Livro de registros de óbitos do Cartório Cível de Silveira Martins (RS), 3 de janeiro de 1900, folha 140 (verso), nº 1202.

CERETTA, Antônio. *História do Vale Vêneto (1877-1886)*. Caixa 4, Missão Brasileira, Arquivo Histórico Provincial Nossa Senhora Consquistadora, Santa Maria, 1894. (original em língua italiana)

GRENDI, Edoardo. *Polanyi: dall' antropologia economica alla microanalise storica*. Milão: Etas libri, 1978.

_____. *Il Cervo e la repubblica*. Il modello ligure di antico regime. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1993.

IOTTI, Luiza Horn. *Imigração e poder: a palavra oficial sobre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (1875-1914)*. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

LEVI, Giovanni. 1985. *Centro e periferia di uno stato assoluto: tre saggi su Piemonte e Liguria in età moderna*. Turin: Rosenberg & Seller, 1985.

_____. “Famiglia e parentela: qualche tema di riflessione”. In: BARBAGLI, Marzio; KERTZER, David (a cura di). *Storia della famiglia italiana 1750-1950*. Bologna: Il Mulino, p. 307-321, 1992.

_____. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Pienonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

POZZOBON, Zolá Franco. *Uma odisséia na América*. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

RAMELLA, Franco. “Mobilidad geográfica y mobilidad social. Notas sobre la emigración rural de la Itália del Noroeste (1880-1914)”. *Estudios Migratórios Latinoamericanos*, 6, 17, p. 107-118, 1991.

RIGHI, José V; BISOGNIN, Edir L.; TORRI, VALMOR. *Povoadores da Quarta Colônia*. Porto Alegre: EST, 2001.

_____. “Reti sociali, famiglia e strategie migratorie”. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio. *Storia dell'emigrazione italiana: partenze*. Roma: Donzelli Editore, p. 143-160, 2001.

_____. “Appunti su familia, mobilità, consumi”. In: LANARO, Paola (a cura di). *Microstoria: a venticinque anni da l'eredità immateriale*. Milano: FrancoAngeli, p. 79- 88, 2011.

SBRICCOLI, Mario. “Giustizia negoziata, giustizia egemonica. Riflessioni su una nuova fase degli studi di storia della giustizia criminale”. In: BELLABARBA, Marco; SCHWERHOFF, Gerd; ZORZI, Andrea (a cura). *Criminalità e giustizia in Germania e in Itália*. Bologna: Società editrice il Mulino, p. 345-364, 2001.

VENDRAME, Maíra Ines. “Nós partimos pelo mundo, mas para viver melhor: redes sociais, família e estratégias migratórias”. In: *Revista Méis*, Vol. 9, nº 17, p. 69-82, 2010..

_____. *Ares de vingança: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre os imigrantes italianos no sul do Brasil (1878-1910)*. Porto Alegre, Tese (doutorado em história) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 2013.